

RIACHO DAS PIABAS, RUA DOS MULUNGÚS, CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA :
NATUREZA, SOCIEDADE E CULTURA NA FORMAÇÃO DE CAMPINA GRANDE
(1665 – 1702).

GOMES DE ARAÚJO, George***.

Este artigo tem como objetivo fazer uma arqueologia da cultura material e imaterial da formação de Campina Grande, para assim podermos ter conhecimento dos vários artefatos materiais, destacadamente, durante a sua formação desde à colonização, recuperando-os consideravelmente a partir dos métodos indiciário e comparativo da Antropologia histórica e cultural.

Através destes, é possível fazermos, um mapeamento dos mais variados elementos culturais, sociais e principalmente da natureza que fizeram parte da formação de Campina Grande. Todavia, não se pode dissociar sociedade e cultura de natureza, haja vista, o homem ser parte constitutiva da mesma, que por sua vez se apropria, quer seja para construir suas moradas, suas vestimentas, suas crenças e seus valores culturais como um todo.

No mesmo cenário de animais, riachos, serras, nativos e árvores gigantes, outros atores históricas passaram a fazer parte da dinâmica do povoamento nas terras do interior da Capitania Real da Parahyba¹, deixando suas marcas, gostos e desgostos, bem como sensibilidades, numa trama histórica de muitas nuances, a partir de experiências sócio-culturais de aproximação e de estranhamento, tanto em relação ao contato com a paisagem natural das matas, quanto com o tapuia nativo. Contudo, *“foi a criação de gado com a fundação de grandes fazendas que transformou terras inóspitas em grandes áreas de pastagens integrando esses sertões dentro do contexto colonial”*. (WANDERLEY, 2007, p. 18).

Lá pelos idos de 1663 esses personagens, de além riachos e serras, adentram-se às matas dos sertões dos cariris, trazendo consigo, ao toque dos chocalhos do gado, a esperança de uma vida melhor, ao deixarem uma Europa mergulhada nas águas turbulentas das incertezas e inquisitorial, que se achara praguejada por aqueles que não concordavam com os ditames cristãos. Logo, a Europa, os culpava por tantas misérias e doenças que assolavam. Quem eram esses personagens? Eram membros da família Oliveira Ledo, pai, tios, primos e

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Especialização em Historiografia e Ensino de História.

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Licenciatura em História.

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Bacharelado em História.

¹ Vale ressaltar que era denominada Capitania Real pelo fato da mesma ter sido administrada diretamente pela coroa portuguesa, e não pelo donatário propriamente dito.

irmãos que se encontravam dentro das matas da Capitania desde o ano de 1663, fixando-se às margens do Vale do Rio Piranhas. Porém, antes mesmo do ano de 1670, já tinham registrado datas de Sesmarias ali.

Nesse momento, não se pode imaginar a atuação de outras famílias dentro da mata, isto durante a primeira metade do século XVII, apenas poucas pessoas faziam parte desse evento do povoamento, que eram os criadores de gado. Pode-se afirmar que eles foram pioneiros em descortinar tais matas. Diga-se de passagem, pioneiros, não no sentido folclórico, mas, no sentido de terem sido os primeiros a vivenciarem historicamente toda uma bagagem de experiências sócio-culturais naqueles rincões, possibilitando dessa forma, perceber como ocorreram as configurações e reconfigurações do espaço natural, principalmente dos cariris, bem como, as relações culturais destes com os nativos, relações permeadas de saber e poder, entremeadas de amor e de ódio, de vida e de morte, de vontades e contragostos, relações de derramamento de sangue em nome de Deus. Logo, o nativo era visto pelos criadores de gado, como sendo “bicho do mato”, que não tem alma. Mas, que poderiam se salvar, desde que se despojasse de seu estado primitivo de pecados, e aceitando Cristo, seriam batizados deixando de ser gentio bravo, para se tornar uma nova criatura.

Ainda, a Carta de Sesmaria datada de 1665, informa que “os irmãos Antônio e Custódio de Oliveira Ledo e ainda Constantino (filhos deste último) acompanhados de outros moradores que habitavam os sertões há dois anos, requereram terras, sendo atendidos pela Coroa Portuguesa”. (SILVA, 2002, p.15).

Com isso, iam sendo abertos caminhos à medida que a mata ia sendo derrubada, desde a saída dos Oliveira Ledo do “Rio dos Currais” (São Francisco), passando pelas terras costeiras da Capitania do açúcar, adentrando às matas da Capitania Real do Rio Grande do Norte e margeando os seus principais rios chegando às terras de Aracati, na Capitania do Ceará. (ALMEIDA, 1978 p.9).

Enquanto isso, os criadores de gado iam atuando no espaço como personagens da sua própria história, exercendo poderes na relação com a paisagem natural, e através do machado e do fogo, outra configuração ia desenhando o mesmo espaço, ou seja, passavam a existir campinas para formação do pasto, assim, iam sendo levantados currais de pau-a-pique, e povoando com gado, construindo casas grandes de fazendas e aldeando nativos,

disciplinando-os através da fé católica, para cuidarem do gado que existia em grande quantidade. Para Soares:

A poder de fogo e machado, homens e mulheres empreenderam a derrubada de parte da mata ciliar (densa e espinhosa), onde abundavam baraúnas, Caraiibeiras, aroeiras, barrigudas e mulungús, juazeiros, quixabeiras, umbuzeiros, cactos e demais espécies da diversificação da vegetação nativa. (SOARES,2003, p.31).

Com o passar dos anos, a família Oliveira Ledo foi mantendo relações de identificação com as matas, com a terra, com os rios, com os animais e numa relação de poder com os nativos, conseguiram submetê-los à cultura cristã, valendo ressaltar que tal poder não foi exercido de mão única, porém, traços culturais e tradições dos nativos foram assimilados pelos criadores de gado. Embora, nessa relação desigual de poder, tenha prevalecido a maioria dos costumes dos colonos.

Então, a partir do final do século XVII, os Oliveira Ledo foram se expandindo com suas fazendas de gado a ponto de possuírem casas de rua na Campina, ou seja, nas Barrocas, e em 1701 terem autorização para construir capela para as desobrigas religiosas, até por que, já se tinha uma tradição de várias boiadas de outras Capitanias virem pastar e beber água nos riachos da Campina.

Destaca-se Teodósio de Oliveira Ledo, que, ao falecer o seu irmão, o Capitão-Mór Constantino de Oliveira Ledo, assumiu o posto, “*sendo nomeado Capitão-Mór das fronteiras das Piranhas, Cariris e Piancós, em 1694*”. (ALMEIDA,1978, P.42)

Diante dessas práticas endogâmicas, fundações de currais de gado e fazendas, concorrendo para a formação posterior de povoados, percebe-se que quase todas as terras, matas, fazendas, riachos e rios, ficaram sob o domínio da mesma família, neste caso, Oliveira Ledo. E a Campina era apenas um grande campo de pastagens para o gado, principalmente das fazendas que foram fundadas nos seus arrabaldes, destacando-se a grande Fazenda Santa Rosa pertencente a Teodósio.

Os rebanhos de gado abrem caminho dentro da mata, margeando rios, riachos e ribeiras, e, contornando serras, chegavam até onde a água represava, e em Campina no riacho das Piabas e do Bodocongó, sob as sombras das baraúnas e Mulungús, Catingueiras e Umbuzeiros.

No entanto, o conhecimento da Família de Santa Rosa possibilita compreender as relações sociais da gênese do povoamento colonial da Capitania Real da Paraíba, como também inventariar as tradições culturais durante o processo de formação das suas comunidades nas matas do interior da Capitania Real da Parahyba, principalmente da Campina Grande. Logo,

Os filhos do primeiro matrimônio de Teodósio de Oliveira Ledo continuaram o trabalho de povoamento dos sertões paraibanos... Adriana construindo matriarcado de Santa Rosa, de onde saiu o tronco que mais concorreu para o povoamento de Campina Grande. (ALMEIDA,1962, p.65).

A Campina era apenas um campo de pastagem dentro das grandes propriedades da Fazenda Santa Rosa, pois antes de se tornar um entreposto comercial de tropeiros e boiadeiros, era o entreposto dos rebanhos de gado para onde iam pastar e beber água, tanto das suas fazendas próximas quanto das de outras Províncias, por exemplo, do Piauí. Antes mesmo de existirem as primeiras casas de arrasta na rua das barrocas na margem do riacho das piabas, já existiam as casas grandes de fazendas em todos os seus sítios. Conforme Almeida,

Campina Grande porém, sem terras apropriadas ao cultivo da cana, à exceção do triângulo Cumbe, Ouriques, Alagoa Nova; não teve na sua colonização e formação social a influência de senhores de engenho. Desenvolveu-se a criação de rebanhos em quase todos os seus sítios. Daí ter imperado na zona rural a chamada civilização pastoril, os costumes de criadores e vaqueiros. (ALMEIDA,1962, p.65).

Para Wanderley,

Com a fixação do colono e o gado bovino, formando as primeiras fazendas de criar, dão-se os primeiros passos para a formação dos primeiros núcleos urbanos dessas paragens, que geralmente começavam na construção de uma pequena capela, e em torno dessa capela se construía pequenas edificações que serviam de moradia.(WANDERLEY, 2007, p. 19).

Há várias controvérsias a respeito da fundação de Campina Grande, começando pela narrativa tradicional, de que o povoado teria sido fundado pelo Capitão-mór dos Sertões, Teodósio de Oliveira ledo, em 1º de dezembro de 1697, conforme vários historiadores, a partir de um aldeamento dos índios ariús, trazidos como presas dos vales dos rios Piranhas e Piancó, no “sítio da Campina Grande.”

De acordo com isso, a aldeia se transformaria em povoado com a característica de sua posição geográfica bastante favorável, ligando o litoral ao alto sertão, com terras próprias à agricultura indispensável à vida dos colonos.

Ainda, a história tradicional diz que os indígenas foram fixados nas proximidades do riacho das Piabas (atualmente Açude Velho), onde logo foram surgindo casebres de taipa, formando a primeira rua, chamada rua dos mulungus (atualmente rua Vila Nova da Rainha), e que depois foi edificada uma igreja no alto da colina, a noroeste dessa rua, dando origem ao largo da igreja Catedral, mais tarde largo da Matriz.

Há informações de que, quando o povoado foi iniciado, já existiam fora a capital (Parahyba) apenas as povoações de Cabedelo, Baía da Traição, Alhandra e Jacoca, no litoral; Monte-mor, Taipú e Pilar, na região da Várzea, Boqueirão, no Cariri; Piranhas e, possivelmente Piancó, no Sertão.

E que, também a ação de Teodósio teve grande importância política e histórica, tendo o fato, inclusive, merecido menção na Carta de maio de 1699 do capitão-mór da Paraíba ao rei de Portugal, conforme a seguir:

O capitão-mor da Parahyba, Manoel Soares da Albergaria, em carta de 14 de maio deste anno (1699) da conta a V.M. em como no 1º de Dezembro de 1697 fôra àquella Cidade o capitão-mór das Piranhas e Pinancó, Theodosio de Oliveira Ledo, e o informara do estado em que se achavão os sertões da daquelle districto, despevado pelas invasões que tinha feito o gentio bárbaro Tapuya; e que era conveniente que estes se tornassem a povoar com gados, currais, etc., para o que lhe era necessario que elle o ajudasse com alguma gente e munições para nas ditas Piranhas fazer arraial; - que trouxera consigo uma nação de Tapuyas, chamados Ariús, que estão aldeados juntos dos Cararys, onde chamão a Campina Grande, e querião viver como vassallos de V.M., e redizem-se à nossa santa fê catholica, dos quais era o principal um Tapuya de muito boa traça e muito fiel, chamado Cavalcante, os quais forão com o dito capitão – mor e 40 Cararys e 16 índios que tirára das aldeias e 10 soldados daquella praça , mandando-lhe concertar as armas e dando-lhe 4 arroba de polvora e bala, 40 alqueires de farinha e algumas carnes; e partindo no primeiro do anno passado, fora com o dito capitão-mór para fazer outra entrada; e lhe constava se ião juntando muitos gados para irem povoar as Piranhas, onde se devia fazer o arraial pra segurança dos povoadores (APUD. JOFFILY, 1890, p.34).

A fazenda de gado foi o embrião do sítio campinense, e que Campina Grande, encravada no agreste, era circundada por fazendas de gado e lavouras de subsistência, foi lentamente evoluindo o incipiente aldeamento, no dizer da historiadora Josefa Gomes de Almeida e Silva.

Percebe-se que o aldeamento foi um acontecimento posterior as construções das fazendas, principalmente as de Boqueirão dos Carnoyós e Santa Roza, pois,

em 1697, retornando à fazenda Santa Rosa com seus homens, o capitão-mór Teodósio de Oliveira Ledo trouxe um grupo de índios Ariús, proveniente do alto sertão e o aldeiou nessa Campina. Essa medida deve ter tido a finalidade de atribuir aos nativos a função de auxiliá-los na tarefa de pastorear o gado naquele ambiente. (SOARES,2002, p.55).

No entanto, os poucos nativos preados nos sertões pelo Capitão-Mór Teodósio e levados para às margens do riacho das piabas, e aí serem aldeados, foi mais uma pequena aglomeração dentro do complexo social já existente, logo,

o povoado teve início nas barrocas, surgindo em seguida, o largo da Igreja e a rua do Oitão (hoje Bento Viana). Formaram-se dois agregados de casas, isolados. Eram esses habitados por forasteiros que exploravam o comércio de gêneros de feira; e aquela pelos primeiros colonos e depois pelos Nunes que lhe dão melhor feição arquitetônica com a construção de casas mais amplas. Eram prédios de taipa e telha, com tetos muito altos de empena e sótão sob travejamento de madeira. Paredes de enxamel, portas largas. Tinham regular aparência e denunciavam um arremedo de estilo entre jesuítico e emboaba (CÂMARA,1943:22-23).

Com isso, interpretamos que, a aldeia surgiu nas barrocas, e não as barrocas na aldeia. No entanto, a feira surgiria nesse local num período bastante posterior a formação do arruado propriamente dito, porque, antes da Campina ser um interposto comercial de farinha e gado, já era um ponto de confluências das boiadas que aí passavam a pastar e beber água, das mais longínquas Capitanias.

Então as dificuldades enfrentadas pelos antigos criadores de gado que tinham nos arrabaldes da Campina Grande, desde a segunda metade do século XVII, eram diversas, tais como, períodos de estiagem, ataques dos cariris que, “*para um homem ter o pão da terra, há de ter roça; para comer carne há de ter caçador; para comer peixe, pescador, para vestir roupa lavada, lavadeira...*”, (FURTADO,1986, p.77). Logo, a caça ao índio se tornou condição de sobrevivência, e uma das estratégias de mantê-los presos ao colono, foi a prática da catequização, através da disciplina e imposição das tradições católicas, a ponto de ser autorizada a fundação da primeira capela na Campina Grande sob o orago de São João Batista, conforme Carta Régia do ano de 1702:

... e porque estas conveniências se não devem desprezar, me pareceu aprovar que se faça na dita parte a dita igreja no que respeita a nomeação do Capelão para esta igreja e para as que mandei se fizessem nas Piranhas e na Campina Grande (SILVA, 2005, p.24).

Com isso, percebemos uma relação de poder entre o criador de gado e o nativo, ou seja, uma relação de dominação de um sobre o outro, a partir da desterritorialização dos

nativos depois do grande conflito em fim do século XVII, porém, nesse momento de fragilização dos mesmos, ocorre o seu apreamento, pois milhares deles se dispersavam pelos sertões, e com a instalação das missões católicas pelos capuchinhos, vários nativos passaram a assimilar costumes católicos, tendo como umas das estratégias apropriadas para “prender” até a “alma” do nativo, a construção de Capela, e, sob a invocação de São João Batista. Haja vista ser o precursor de Cristo, ele é visto pelo cristianismo como aquele que prepara o gentio para a conversão. É o santo batizador, que se comemora através de um novenário durante o mês de junho, e este mês, é o momento das inverdades, é o santo para o qual se faz a festa das colheitas e da apartação do gado, tradições estas trazidas pelos criadores de gado.

Nisto, percebe-se que houve uma relação de saber e de poder entre o criador de gado e o nativo, ou entre o Estado e a Igreja, e o referido nativo. Pois, o Criador de gado é o mesmo personagem histórico autorizado a prear o índio. Quando imbuído da patente de Capitão-mor, Teodósio de Oliveira Ledo exerce o papel de cristão devoto quando da ausência dos padres jesuítas, *“trouxe um frade do Convento de São Francisco, da capital da capitania, que veio a Campina Grande para catequizar os índios”* (UCHÔA, 1962, p.24).

Os índios catequizados passaram pelo processo de transculturação, fenômeno estabelecido na *zona de contato*², o termo transculturação tem sido usado por etnógrafos *“para descrever como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana.”* (ORTIZ, 1979, p. 22). Percebe-se, ao mesmo tempo, que o nativo assimila, pela imposição dos portugueses, várias tradições católicas, e ao mesmo tempo tradições culturais dos nativos são assimiladas por eles, tal como na relação da prática de acender fogueiras e o batismo, bem como a assimilação da culinária advinda do milho para a realização dos festejos a São João Batista, porém, os criadores de gado que levam a mensagem de conversão para o “gentio bravo”, são os mesmos que passam a assar milho nas fogueiras, assimilando essa tradição nativa, com isso ocorre uma troca de práticas culturais entre estes atores sociais.

Conforme a historiografia clássica campinense, os novos povoados começavam sempre com uma casinha de telha e taipa, formando uma rua ou uma praça em volta da

² Refere-se ao espaço de encontros coloniais, em que as pessoas, geográfica e historicamente separadas, entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas geralmente associadas às circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada. Ver. PRATT, Mary Louise. Os olhos do Império: relatos de viagem e Transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

capela. A feira de cereais surgia como uma das condições essenciais ao seu desenvolvimento e era condicionada ao movimento de tropeiros e boiadeiros. Um dos povoados mais freqüentados por tropas de almocreves era o da Campina Grande, e isso já durante a primeira metade do século XVIII, ressaltando-se que a palavra, “povoado” não está desvinculada da sua própria trajetória histórica. Por vezes, essa abordagem resvala para as explicações da história tradicional de tal forma que, quando os estudiosos se depararam com o enunciado de que “*Theodósio de Oliveira Ledo... trouxera consigo uma nação de Tapuya, chamados Ariús, que estão aldeados juntos dos Carirys, onde chamam a Campina Grande (...).*” (JOFFILY, 1890, p.35) construíram uma origem e a sacralizaram como tal, então, tornou-se comum considerar que o povoado surgiu nesse momento, como se os currais, as casas, a capela, a feira, tivessem surgidos no dia 1º de dezembro de 1697, a partir do momento da passagem do capitão-mor Teodósio pela Campina, (Apud.Idem.Ibidem:33-34) por sua vez reproduzindo, à *posteriori*, por aqueles que passavam a escrever sobre a memória-histórica local, principalmente a partir da década de 30, do século passado, no contexto da difusão de uma idéia de identidade Nacional Brasileira, por parte do Estado Novista.³ (É como se o povoado fosse um empreendimento absoluto, que existe ou não, de forma claramente delimitada. Todavia, basta uma observação mais cautelosa e audaciosa, para verificar que é possível fazer um deslocamento do mito de origem de Campina Grande, porém,

o importante não é a combinação de séries, obtidas graças a um isolamento prévio de traços significantes, de acordo com modelos pré-concebidos, mas, por um lado, a relação entre estes modelos e os limites que seu emprego sistemático faz aparecer e, por outro lado, a capacidade de transformar estes limites em problemas tecnicamente tratáveis. Estes dois aspectos, são, aliás, coordenados, pois se a diferença é manifestada graças a extensão rigorosa dos modelos construídos, ela é significativa graças à relação que mantém com eles a título de desvio – é assim que leva a um retorno aos modelos para corrigi-los. Poder-se-ia dizer que a formalização da pesquisa tem, precisamente, por objetivo produzir “erros” – insuficiências, falhas – cientificamente utilizáveis”. (CERTEAU, 1978, p.86).

³ É bom ressaltar que uma das imagens mais freqüentes a que os discursos estado-novistas recorriam para caracterizar o processo de construção do Estado Nacional, era a da formação de uma grande família. Nelas, as lideranças sindicais eram como irmãos mais velhos e o presidente, o pai de um povo nobre e trabalhador. Digamos que esse discurso de enaltecimento ao trabalhador perpassou as décadas de 40 chagando aos anos 60 do século xx, tendo sido assimilado pelos gestores das políticas públicas de urbanização no Brasil. No caso de Campina Grande, tal discurso, passou a construir uma memória - histórica para a cidade, a partir dos três personagens esculpidos e instalados as margens do Açude Velho enunciadores de uma “identidade campinense,” pautada no trabalho. C.f. SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.). História da vida Privada no Brasil 4. São Paulo-SP: Companhia das Letras. 1998.

O surgimento do povoado na Campina não foi de imediato, pois requer maiores explicações. No entanto, tal experiência da *urbs* deve ser entendida de forma dialética, ou seja, diferentemente da idéia de que Campina Grande teria surgido de uma aldeia de índios ariús. Não se trata, portanto, de um acontecimento estático e instantâneo, como trata a História Clássica Campinense, mas de um “terreno de conflito”, na feliz expressão de Eric Foner. (Apud.NÓBREGA,1997). Concordando com essas duas proposições, entendendo que esse “terreno de conflito”, essa diferenciação entre ser e não ser “povoado” deve ser analisado dentro de uma situação histórica concreta. Se não for devidamente contextualizada no tempo corre risco de se acreditar que o povoado da Campina Grande deve ter surgido durante um dia de 1697, ou quando muito, uma abstração de uma condição do presente, imposta sobre o passado.

Se, todavia, situar-se a noção de povoamento no tempo, percebe-se duas coisas. Em primeiro lugar, o povoamento não é um “dado”, como um candeeiro está aceso ou apagado. O povoamento é um processo de formação, que pode ou não acontecer durante várias décadas ou séculos. É o desdobramento de um conjunto de “fazeres” e de “saberes” estrategicamente e astuciosamente articulados no espaço, construindo-o e reconstruindo-o. É, portanto um cenário elaborado historicamente, e não um cenário estático e definitivo, que surgiu num determinado tempo.

Campina Grande passou por várias configurações espaciais, sociais e culturais, ela assim foi nomeada quando da derrubada da mata, desde a chegada dos criadores de gado, especificamente da família Oliveira Ledo. Esses, por sua vez, numa relação de conflito com os nativos foram mantendo vínculos com a terra através da tradição de criar gado e da instalação de currais, desde o final do século XVII, quando eram tangidas milhares de cabeças de bois para a Paraíba, principalmente para a Campina Grande.

Para Epaminondas Câmara foram os boiadeiros que iniciaram o comércio entre o litoral e os sertões e, dada a necessidade que tinham de adquirir a farinha para eles, não resta dúvida que, ao retornarem de Pernambuco, na Campina se abastecessem desse produto. E quem sabe se não foi esta a razão porque, no correr dos anos (metade do século XVIII), os tropeiros e boiadeiros desviassem das estradas de Boqueirão, rumando, após as gargantas dos Anis, o rio Taperoá, os vales do Quixodi e do Santa Rosa até alcançar Campina?

Ainda Epaminondas Câmara diz que:

foi por esse tempo que o povoado avançou os primeiros passos para oeste... os Nunes eram os proprietários da data da aldeia e de quase todos os prédios da rua das Barrocas, a única então existente. No alto da colina ao norte estava a Capela. Em volta dela, traficantes forasteiros e mercadores de farinha, levantaram casinhas e, gradativamente para ali transferiram o centro de suas atividades. (CÂMARA, 1943, p.9).

Percebe-se ainda, nesse momento, que a terra, na qual foi aldeado um grupo de ariús e levantadas às casas das Barrocas, não pertencia mais à família de Santa Rosa, embora Dona Adriana de Oliveira Ledo tenha herdado do seu pai todas as terras da Campina, assim como, da antiga fazenda Santa Rosa.

Portanto, as primeiras tradições estabelecidas por parte do Português na fundação de Campina Grande foram a criação de gado, a endogamia praticada pelos Oliveira Ledo e o catolicismo, sendo a fazenda o elemento principal de sua fundação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano de. **Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil**, Brasília: UNB, 1986.

ALMEIDA, Antônio Pereira de. **Os Oliveira Ledo e a Genealogia de Santa Rosa**. João Pessoa – PB: Gráfica Universal, 1978. (1 vol).

_____. **Velhos Troncos de Cabaceiras e o Povoamento do Vale do Taperoá**, João Pessoa-PB: Gráfica Universal, 1978.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**, Campina Grande-PB: Livraria Pedrosa, 1962.

ANDRADE, Gilberto Osório de. **João Pais, do Cabo: O patriarca, seus filhos, seus engenhos**, Recife: Massangana, 1982.

ATLAS ESCOLAR DA PARAÍBA. **Espaço Geo-histórico e Cultural**. 2ª ed. Amp. e atualizada. Coordenadora Janete Lins Rodriguez. João Pessoa: Editora Grafset, 2000.

BORGES, José Elias Barbosa. **A Fundação de Campina Grande**; Revista Campinense de Cultura, nº 5, ano II, setembro de 1965, Editora da Comissão Cultural do Município.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A Elite Colonial Piauiense. : Família e Poder**, Teresina-PI: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1995.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande: Esboço histórico – social do povoado e da vila (1697-1864)**, 2ª ed., Campina Grande-PB. Edições Caravelas, 1999. (Coleção Escritores Campinenses).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore Brasileiro**, São Paulo-SP: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**, Petrópolis-RJ:Vozes, 1999.

_____. **A Invenção do Cotidiano: artes do fazer**, Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

DUPÂNQUIER, Jacques. **Demografia Histórica e História Social**. In: **MARCÍLIO, Maria Luíza (org.) População e Sociedade: evolução das sociedades pré-industriais**, Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

ELÍADE, Mircea. **mito e realidade**, São Paulo-SP: Perspectiva, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**, 7ª ed., Rio de Janeiro-RJ: José Olympio, 1952.
_____. **Sobrados e Mocambos**, 5ª ed., Rio de Janeiro-RJ: José Olympio/MEC, 1977.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia História**. São Paulo-SP: Companhia das Letras. 1989.

GURJÃO, Eliete. de Queiroz (Org.). **Imagens multifacetadas da História de Campina Grande**, João Pessoa-PB: Ed. A União, 2000.

JOFFILY, Irineo. **Notas Sobre a Parahyba**, 2ª Ed., Brasília: Thesaurus, 1997.

MEDEIROS, Maria do Céu. **Igreja e Dominação no Brasil Escravista: O Caso dos Oratorianos de Pernambuco (1659-1830)**, João Pessoa-PB. Idéia, 1993.

MEDEIROS, Tarcísio Dinoá e MEDEIROS, Martinho Dinoá. **Ramificações genealógicas do Cariri paraibano**, Brasília: CEGRAF, 1989.

MORAIS, Regis de (org). **As razões do mito**. Campinas-SP: Papyrus, 1988.

MUMFORD, Lewis. **A cultura das cidades**, Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1965.

_____. **A cidade na história**, Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1965.

NÓBREGA. Elisa Mariana de Medeiros. **Retalhos de um Corpo Santo**, Campina Grande-PB, UFPB, 1997, (Monografia do Bacharelado em História).

ORTIZ. Fernando. **Africania de La Cultura Cubana.Habana**:Cortez,1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**, 2ª Ed. 1ª. Reimp, Belo Horizonte – MG. Autêntica, 2005.

PRATT, Mary. Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagem e Transculturação**, Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA. Lino Gomes da. **Síntese Histórica de Campina Grande, 1670 – 1963**. Pesquisa e Relatos históricos. João Pessoa. – PB. Editora Grafset 2005.

SOARES, Francisco de Assis Ouriques. **Bôa Vista de Sancta Roza. De Fazenda à municipalidade (1666-1997)**. Campina Grande. Epigraf. 2003.

TAUNAY, Affonso de. E. **História das Bandeiras Paulistas**. Brasília. Melhoramentos; 1975.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a História da Paraíba**. 2ª ed. 1982.

UCHÔA. Bolanger de Albuquerque. **História Eclesiástica de Campina Grande**. Imprimatur. 1962.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Brasília: Ed. UNB, 1995.

WANDERLEY, Julierme Do Nascimento. **Organização Espacial do Município de Boa Vista – PB: Uma síntese histórica e geográfica**, Campina Grande, UEPB, 2007, (Monografia da Licenciatura em Geografia).